



Baianidade musical¹

Hugo L. Ribeiro

Falar sobre identidade musical num plano cultural tão eclético quanto a Bahia, mesmo que limitado à cidade de Salvador é, em termos populares, uma loucura. Mas como de médico e de louco (que tal acrescentarmos 'crítico' esportivo e de artes também) todo mundo tem um pouco, enfrentemos essa empreitada.

A primeira missão é dar uma de cabeleireiro e sair cortando todas as sobras até chegarmos num repertório musical de um grupo de compositores que representem o que a Bahia tem. Definiremos então, como elemento chave da escolha de nosso repertório, citações poéticas à Bahia, ícones baianos (locais ou pessoas), ou comportamento tido como representativo da baianidade. Como segunda ferramenta de corte definiremos os estilos musicais que caracterizem a produção musical baiana. Um terceiro dado norteador para a escolha do repertório refere-se a elementos internos à própria música, que podem ou não se relacionar com a palavra cantada. Estão entre esses elementos questões de timbre, figuras rítmicas, padrões melódicos (tais como escalas ou finais de frase) e escolhas harmônicas. E por último, por hora, é possível também incluirmos todo aspecto externo que circunscreve a execução musical, desde o figurino do intérprete ao cenário da apresentação, passando inclusive por movimentos corpóreos de dança ou teatral, como uma forma de suscitar um apelo de identidade coletiva, mesmo que esta não seja diretamente reconhecida nos aspectos musicais propriamente ditos.

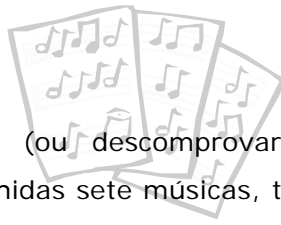
Essa múltipla visão faz-se necessária para o entendimento simbólico que uma simples canção pode trazer consigo, estando presente na declaração de Alan Lomax² ao afirmar que a canção é uma "combinação de multi-níveis que combina os sinais de diversos sistemas em uma única, evocativa mensagem", sendo que para seu estudo é vital um trabalho em equipe³.

Vale ressaltar que nenhum desses quatro critérios de escolha é unicamente suficiente, nem tampouco excluem uns aos outros. É a combinação deles em variadas proporções que irá reforçar a noção de identidade cultural presente em determinado repertório.

¹ Crônica V, 02 de julho de 2003, poéticas musicais baianas e o sentido de baianidade.

² Lomax, Alan. 1968. *Folk Song Style and Culture*. American Association for the Advancement of Science. New Brunswick and London: Transaction Publishers, p. x.

³ Lomax referia-se ao projeto *Cantometrics* que contava com a participação de musicólogos, etnólogos, lingüistas, antropólogos, especialistas em dança, entre outros.



Para melhor comprovar (ou descomprovar) essa hipótese definidora da baianidade musical, foram escolhidas sete músicas, três delas compostas por **Dorival Caymmi**, mas com arranjos diferentes dos originais e cantadas por diferentes intérpretes: **365 Igrejas**, cantada pelo grupo vocal Garganta Profunda; **Você já foi à Bahia?**, cantada por Fátima Guedes com Hélio Delmiro na guitarra; e **A Jangada Voltou Só**, cantada por Elomar. As demais músicas são: **Baianada**, cantada por Gilberto Gil, e **Baiano não é Palhaço**, cantada pela Confraria da Bazófia, ambas de **Gordurinha**; **Back in Bahia**, composta e cantada por **Gilberto Gil**; **Uva de Caminhão**, composta por **Assis Valente** e cantada por Clara Sandroni; e **Ijexá** (Filhos de Ghandi) composta por **Edil Pacheco** e executada instrumentalmente pelo grupo Janela Brasileira.

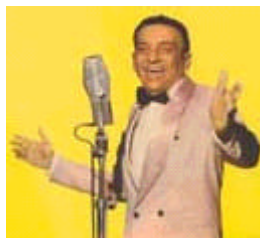
Deixo, no entanto, para uma próxima oportunidade a análise desse repertório sugerido, confrontando-o com os elementos definidores do que possa ser uma poética musical baiana.

Relação de músicas no CD Anexo

- 01 – 365 Igrejas (Dorival Caymmi) – Garganta Profunda – Songbook 1
- 02 – Você já foi à Bahia? (Dorival Caymmi) – Fátima Guedes e Hélio Delmiro – Songbook 2
- 03 – A Jangada voltou só (Dorival Caymmi) – Elomar – Songbook 2
- 04 – Baianada (Gordurinha) – Gilberto Gil – Confraria do Gordurinha
- 05 – Pout Pourri Baiano não é palhaço, Baiano burro nasce morto – Confraria da Bazófia - Confraria do Gordurinha
- 06 – Uva de Caminhão (Assis Valente) – Clara Sandroni
- 07 – Back in Bahia (Gilberto Gil) – Espresso 2222
- 08 – Ijexá (Filhos de Ghandi – Edil Pacheco) – Janela Brasileira



Dorival Caymmi



Gordurinha



Assis Valente



Back in Bahia

Lá em Londres, vez em quando me sentia longe daqui
Vez em quando, quando me sentia longe, dava por mim
Puxando o cabelo nervoso, querendo ouvir Celly Campelo pra não cair
Naquela fossa em que vi um camarada meu de Portobello cair
Naquela falta de juízo que eu não tinha nem uma razão pra curtir
Naquela ausência de calor, de cor, de sal, de sol, de coração pra sentir
Tanta saudade preservada num velho baú de prata dentro de mim
Digo num baú de prata porque prata é a luz do luar
Do luar que tanta falta me fazia junto com o mar
Mar da Bahia cujo verde vez em quando me fazia bem relembrar
Tão diferente do verde também tão lindo dos gramados campos de lá
Ilha do Norte onde não sei se por sorte ou por castigo dei de parar
Por algum tempo que afinal passou depressa, como tudo tem de passar
Hoje eu me sinto como se ter ido fosse necessário para voltar
Tanto mais vivo de vida mais vivida, dividida pra lá e pra cá